

Dívida: negociações progridem.

O presidente do comitê assessor da renegociação da dívida externa brasileira, William Rhodes, e o diretor de Dívida Externa do Banco Central do Brasil, Antônio de Pádua Seixas, divulgaram ontem em Nova York comunicado conjunto em que afirmam que, após dois dias de conversações, focalizando a situação econômica interna e a questão da dívida externa, "vários progressos foram conseguidos". Acrescenta que, "porém, o comitê e o governo brasileiro concordaram em retomar as discussões no início de janeiro, para o possível escalonamento das amortizações da dívida externa que vencem em 1985 e 1986".

O comunicado já estava sendo esperado desde o início da manhã, quando Seixas afirmava — antes de entrar na reunião com os banqueiros — que possivelmente o Brasil conseguiria outra prorrogação, mas que isto não seria decidido antes do final do ano. Além disso, o diretor da Dívida Externa admitia que a questão da Resolução nº 63 continuava sendo um obstáculo à tomada de decisões mais definitivas. No entanto, Seixas não entrou em detalhes sobre o peso desse item nas discussões globais, afirmando apenas que não queria expor isso à imprensa antes de as negociações estarem terminadas.

Seixas está em Nova York desde quarta-feira pela manhã, quando veio dar continuidade às conversações iniciadas na semana passada pelo presidente do Banco Central, Fernão Bracher. O representante brasileiro apresentou uma proposta formalizada ao comitê assessor de escalonamento das amortizações que vencem em 1985 e 1986

e pedido de prorrogação das linhas de financiamento de curto prazo, que vencem dia 17 de janeiro.

Banco Mundial

O Banco Mundial está disposto a aumentar os aportes de capital para o Brasil, associando os empréstimos a programas de política econômica, como é o caso da recuperação do setor elétrico, para o qual já há uma proposta de financiamento da ordem de 800 milhões de dólares. Foi o que informou ontem o ministro do Planejamento, João Sayad, que fez um relato de sua viagem aos Estados Unidos ao presidente José Sarney, especialmente dos contatos mantidos junto ao Banco Mundial.

"Outro aspecto interessante do nosso relacionamento com o Banco Mundial é que ele está disposto a funcionar como agente de co-financiamento dos bancos privados estrangeiros, com o que as transferências do Banco para o Brasil vão elevar-se de 1,5 bilhão de dólares este ano para 2,3 bilhões de dólares no ano que vem. Evidentemente que isto significa a entrada de dinheiro novo no País", afirmou Sayad.

O ministro do Planejamento disse a Sarney que nos contatos mantidos com as autoridades norte-americanas notou muita boa vontade em relação ao programa de ajuste econômico do governo brasileiro para 1986. Ele confirmou que houve sugestões das autoridades norte-americanas para que o Brasil buscasse um entendimento com o Fundo. Mas assegurou que "o plano de ajuste brasileiro para 86 é este que está aí e não muda, porque nós estamos numa posição muito cômoda junto aos credores".